

## TRANSCRIÇÃO COMENTADA - ESTUDO E TRADUÇÃO DOS HINOS HOMÉRICOS A DIONISO

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i1.1497>

*Jaa Torrano (José Antonio Alves Torrano)*

Doutor em Letras Clássicas pela USP e Professor Titular de Língua e Literatura Grega pela USP  
[jtorrano@usp.br](mailto:jtorrano@usp.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-5445-3780>

Recebido em: 04/04/2015 – Aceito em 28/04/2015

### Introdução

Os assim chamados “Hinos Homéricos” constituem uma coleção de trinta e três hinos, que a antiguidade nos legou e que têm em comum com a *Iliada* e a *Odisseia* o verso hexâmetro, a linguagem formular própria da tradição épica grega e os temas constituídos pelos Deuses homéricos, seus mitos e seu imaginário.

Não se pode determinar a data em que se compôs cada um desses hinos, mas supõe-se que a coleção já estivesse completa por volta da metade do quarto século a.C. A mais antiga notícia desses hinos se encontra em Tucídides (III, 104), que a propósito do festival consagrado a Apolo em Delos cita versos do Hino a Apolo, atribuindo-o a Homero e referindo-se a ele não como *hýmnos* (“hino”), mas como *prooímion* (“proêmio”).

Acredita-se que esse modo de designá-los se deve a que esses hinos servissem de proêmio na abertura de concursos de cantores épicos, bem como serviriam de epílogo no encerramento desses concursos.

Dos três “Hinos Homéricos” consagrados a Dioniso nesse espólio, o primeiro nos chegou em estado severamente fragmentário, porque se perderam várias páginas iniciais do manuscrito, de modo a conservarem-se somente os últimos onze versos. Graças a uma citação de Diodoro Sículo (III, 66,3), os estudiosos resgataram mais nove versos, provavelmente pertencentes ao início desse mesmo hino.

Dada a posição desse primeiro hino na coletânea, crê-se que fosse longo e tivesse desenvolvida uma narrativa mítica, pois assim são os quatro primeiros hinos, dedicados a Deméter (II), a Apolo (III), a Hermes (IV) e a Afrodite (V).

O primeiro fragmento do Hino I aparentemente considera que as diversas versões a indicarem diversos lugares onde Sêmele pariu o Deus Dioniso sejam menos verdadeiras ou, melhor, menos importantes, que o mito segundo o qual nasceu da coxa de Zeus, no monte Nisa.

O segundo fragmento do Hino I contém os três últimos versos de um discurso direto em que Zeus proclama como há de ser o culto a Dioniso, e assim explica a razão das trietérias, as festas trienais. Pelo nosso modo de contar, são festas bienais, mas os gregos as designavam *trietetés* (“trienal”) por incluírem no período intervalar tanto o ano da festa anterior quanto o da festa seguinte. Quanto à razão (alegada por Zeus e perdida com as folhas do manuscrito) de serem trienais, temos duas hipóteses, a saber: 1ª.) se, no verso 11, lemos *hos dè tà mén tría* – como está no manuscrito – e entendemos “por serem três” – como em minha tradução, podemos supor que este *tría* (“três”) se refira aos três nascimentos de

Dioniso, nascido de Sêmele quando fulminada, renascido da coxa de Zeus à qual fora costurado ao ser recolhido da mãe fulminada, e renascido outra vez depois de ter sido dilacerado pelos Titãs – e assim as trietérias se explicam por esses três nascimentos de Dioniso;

2<sup>a.</sup>) se, no verso 11, lêsemos *hos dê tâmen tría* – como o lê Thomas W. Allen – e entendêssemos “porque cortou em três” – teríamos neste *tría* (“três”) uma referência à dilaceração de Dioniso pelos Titãs em três pedaços – e assim as trietérias se explicariam por esses três destroços do corpo divino.

O epíteto de Dioniso *Eiraphiôtes* (*H.H.* I, 2, 17,20) tem, desde a antiguidade, diversas etimologias e explicações. Os antigos o aproximaram de *erépho* (“cobrir”), alegando que o Deus se coroa de heras; e ainda de *erráphthai* (“costurar-se”), porque foi costurado à coxa de Zeus; de *éripfos* (“cabrito”), porque foi nutrido por cabra; de *érion* (“lã”), porque tem tranças. Estudiosos modernos deram curso a essas diversas possibilidades, como se pode constatar nas traduções atuais do hino. Valendo-me da proposta de Chantraine em seu *Dictionnaire étymologique*, e nisso seguindo a opção de Càsola, traduzi *Eiraphiôtes* por “Taurino”, uma vez que a epifania tauriforme está bem documentada, inclusive em *Bacas* de Eurípides.

Já o epíteto de Dioniso *gynaimanés* (*H.H.* I, 17) que traduzi literalmente “feminilouco”, é explicado em traduções parafrásicas como “inspirador de loucura nas mulheres”.

A expressão *arkhómēnoi légontes t’* (“ao iniciar e ao findar”, *H.H.* I, 18), referida aos cantores ao celebrarem o Deus, é um dos pontos em que se apóia a teoria de que estes Hinos Homéricos serviam tanto como proêmios quanto como epílogos nas aberturas e nos encerramentos de concursos de cantores épicos.

O nome *Thyóne* (“Tione”), dado a Sêmele, mãe de Dioniso (*H.H.* I, 21), liga-se ao verbo *thýo* (“saltar”, “lançar-se furiosamente”) e ainda a *thýas* (“tiade” – sacerdotisa do culto de Baco) e a *Thuîa* (festa de Dioniso em Élide, região noroeste do Peloponeso).

O Hino Homérico VII, o segundo dedicado a Dioniso, apresenta claramente, em sua imaginosa narrativa, os preceitos e exigências da piedade grega antiga.

Piratas tirrenos avistam na praia um jovem de aparência principesca, e decidem raptá-lo, tentam capturá-lo, mas cadeias não podem detê-lo, liames caem-lhe longe dos pés e das mãos, e a sorrir docemente o jovem contempla os piratas com olhar sombrio. O piloto percebe nesse prodígio um sinal divino, e interpela seus companheiros raptadores com o epíteto de *Daimónioi* (“Numinosos”), pois compreende que eles entraram numa tal relação com os indícios e desígnios de um *Daímon* (“Nume”) que lhes trará uma sorte funesta (*kakòs móros*, *H.H.* VII, 8 e 51). É inútil a advertência do piloto, que suscita apenas escárnio e sarcasmo entre os piratas. O Deus, então, revela-se com diversos prodígios espetaculares e terrificantes, que custam a vida do chefe e transformam os demais piratas em golfinhos, mas ao piloto o Deus concede beatitude.

Nessa narrativa mitológica, os preceitos e exigências da piedade grega antiga poderiam resumir-se na necessidade de estar alerta e pronto a identificar, nas mais diversas aparências, os indícios e os desígnios da presença divina, de modo a agir em consonância com esses variáveis sinais, e assim ser feliz com o favor divino.

O Hino Homérico XXVI, o terceiro dedicado a Dioniso, descreve o âmbito do Deus, sua infância junto às Ninfas que com ele constituem o tíaso divino, ao recebê-lo do Pai e criá-lo nos vales de Nisa, seu crescimento em odorífera gruta, sua presença nas nemorosas moradas da floresta fremente, sua participação nas Musas por muitos hinos. A ocasião deste hino parece ser um festival, aonde o can-

tor pede ao Deus que lhe dê retornar por muitos anos vindouros.

A tradução apresentada a seguir tem por base o texto estabelecido por Hugh G. Evelyn-White.

### ***I. Fragmentos de Hino a Dioniso.***

Uns em Drácano, outros em Ícaro ventosa,  
outros em Naxos dizem, ó celígeno taurino,  
outros junto ao rio Alfeu de fundos remoinhos,  
que te gerou Sêmele grávida de Zeus fulminoso,  
outros em Tebas dizem, ó rei, que nasceste, 5  
mentirosos; gerou-te o Pai de homens e de Deuses  
distante dos homens, oculto a Hera de alvos braços.  
Existe Nisa, monte supremo, florido de selvas,  
longe da Fenícia, perto das águas do Egito.

Erguerão muitas imagens em seus santuários. 10  
Por serem três, a ti sempre nas trietérias,  
os homens celebrarão as perfeitas hecatombes.  
O Cronida falou e anuiu com negros supercílios;  
a imortal cabeleira do soberano sacudiu-se  
da cabeça imortal, e abalou-se o vasto Olimpo. 15  
Assim falou e anuiu com a cabeça o sábio Zeus.  
Sê propício, ó taurino feminilouco, cantamos-te  
os cantores ao iniciar e ao findar, nem há como  
esquecido de ti lembrar-se do canto sagrado.  
Eia, tu! Alegra-te assim, ó Dioniso taurino, 20  
junto à mãe Sêmele, a quem chamam Tione.

### **VII. A Dioniso.**

Em volta de Dioniso, filho de Sêmele gloriosa,  
lembrarei como surgiu na praia do mar infatigável,  
sobre o quebra-mar, na imagem de jovem homem  
no primeiro viço: bela cabeleira lhe frondejava 5  
sombria, e nos fortes ombros mantinha o manto  
purpúreo. De súbito, do navio de bons bancos,  
piratas avançaram velozes sobre o víneo mar,  
tirrenos, maligna sorte os guiou: quando o viram,  
acenaram entre si, rápido saltaram, logo pegaram,  
puseram no seu navio, com alegria no coração. 10  
Parecia-lhes filho de reis nutridos de Zeus,  
e quiseram prendê-lo com cadeias dolorosas.

Cadeias não o detinham, liames caíam longe das mãos e dos pés, com doce sorriso esperava com olhos sombrios. O piloto, quando percebeu, já aos companheiros conclamou e assim falou:	5
– Numinosos, qual Deus pegastes e prendestes, poderoso? Nem pode o navio vos levar benéfico, pois, ou este é Zeus, ou Apolo de argênteo arco, ou Posídon, porque não aos homens mortais	20
é símil, mas aos Deuses que têm o palácio olímpio. Eia! Deixemo-lo já sobre a negra terra firme, e não lanceis mão sobre ele, para que por cólera não suscite ventos dolorosos e múltiplo tufão. Assim falou, e o chefe disse hedionda palavra:	25
– Numinoso, vê o vento, içá comigo velas da nave, presos todos os cabos; deste cuidarão os homens. Pretendo partir, ou para o Egito, ou para Chipre, ou para os Hiperbóreos, ou mais longe. Por fim, dirá um dia sermos seus amigos, todos os bens e seus irmãos, porque o Nume nos concedeu.	30
Assim disse, e içaram-se vela e vela do navio. Soprou o vento no meio da vela, ao redor cabos retesaram-se, e logo lhes surgiram miríficas obras. Primeiro, através do veloz navio negro, o vinho suave potável fluía a crepitar oloroso, subia o odor imortal. Admiraram-se todos os nautas, ao virem.	35
Junto ao ápice da vela, toda já se estendeu a videira aqui e ali, e suspendiam-se muitos cachos, em volta da vela enrolou-se negra hera luxuriante de flores, e gracioso fruto se erguia.	40
Todas as cavilhas tinham coroas. Quando viram, já exortavam o piloto doravante a levar o navio ao porto. Dentro do navio, ele se lhes tornou leão, terrível sobre a proa, e bramia forte, e no meio ele fez ursa de pescoço veloso, a mostrar sinais.	45
Ela ergueu-se árdega, e o leão, no alto do banco, a olhar de soslaio, terrível. Fugiram para a popa e, ao redor do piloto que tinha espírito prudente, pararam atônitos, mas aquele, em ataque súbito, pegou o chefe. Ao virem, a evitarem a má sorte, pularam todos juntos para fora, no mar divino, e tornaram-se golfinhos. Apiedou-se do piloto,	50

deteve-se, tornou-o todo feliz, e disse a palavra:

– Coragem, divino guia, grato ao meu ânimo,  
sou eu Dioniso atroador, a quem a mãe cadmeia  
Sêmele gerou, de Zeus, por amor desposada.  
– Alegra-te, filho de bela Sêmele! Não há como,  
esquecido de ti, com doçura compor-se o canto.

55

## XXVI. A Dioniso.

Começo a cantar Dioniso coroado de hera atroador,  
o esplêndido filho de Zeus e de Sêmele gloriosa,  
a quem Ninfas de belos cabelos nutriam, do rei pai  
tendo acolhido no colo, e cuidadosas criavam  
nos vales de Nisa. Ele cresceu por vontade do pai  
em olorosa gruta, contado entre os imortais.  
Quando as Deusas o nutriram com muitos hinos,  
então perambulava por nemorosas moradas,  
coroado com hera e louro. As Ninfas seguem  
junto, ele guia, e o frêmito domina toda a floresta.  
Eia, tu! Alegra-te assim, ó Dioniso viticomado,  
dá-nos, por te saudarmos, chegar a novas estações  
e, destas estações, de novo, chegar a muitos anos.

5

10

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, T. W. – *Homeri Opera. Tomus V Hymnos Cyclum Fragmenta Margiten Batrachomyomachiam vitas continens*. Oxford, Clarendon, 1974
- ALLEN, T. W., HALLIDAY, W. R., SIKES, E.E. – *The Homeric Hymns*. Amsterdam, Adolf M. Hakkert, 1980.
- CÀSSOLA, Fillipo – *Inni Omerici*. S.l., Arnoldo Mondadori, 1994.
- CHANTRAINE, Pierre – *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris, Klincksieck, 1999.
- DIMIER, Louis – *Les Hymnes Homériques nouvellement traduites du grec avec une préface et des notes*. Paris, Garnier, s.d.
- EVELYN-WHITE, Hugh G. – *Hesiod The Homeric Hymns and Homerica with an English translation*. Cambridge (Massachusetts) / Londres, Harvard / William Heinemann, 1977.
- HUMBERT, Jean – *Homère – Hymnes*. Texte établi et traduit. Paris, Les Belles Lettres, 1951.
- TORRANO, Jaa – *O Sentido de Zeus*. São Paulo, Roswitha Kempf, 1988/Iluminuras, 1996.
- Jaa Torrano, professor titular de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo, publicou *O Pensamento Mítico no Horizonte de Platão* (São Paulo, Annablume, 2013), *A Esfera e os Dias Poemas* (São Paulo, Annablume, 2009), *O Sentido de Zeus O Mito do Mundo e o Modo Mítico de Ser no Mundo* (São Paulo, Roswitha Kempf, 1988 / Iluminuras, 1996), HESÍODO – *Teogonia* (São Paulo, Roswitha Kempf, 1981 / Iluminuras, 2006, 6a. ed.), ÉSQUILO – *Oresteia (Agamêmnon, Coéforas, Eumênides)*. São Paulo, Iluminuras/FAPESP, 2004, 3 vols.), ÉSQUILO – *Tragédias (Os Persas, Os Sete contra Tebas, As Suplicantes, Prometeu Cadeeiro)*. São Paulo, Iluminuras/FAPESP, 2009).